

# O MOMENTO

DIÁRIO DO POVO

# PCB



## 101 ANOS DE LUTA

**PCB: 101 ANOS DA FÊNIX VERMELHA** PG.2

**BAHIA LIDERA ÍNDICES DE VIOLÊNCIA URBANA** PG.6

**ENTREVISTA DO MOMENTO FRAN REBELATTO** PG.9

**TRABALHADORES DA SAÚDE, UNIVOS – PEC DA ENFERMAGEM** PG.14

**PELA REVOGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO** PG.16

**EXPOSIÇÃO GUERRA PURA E A ARTE MARGINAL EM SALVADOR** PG.20

PG.4 **TRABALHO EM SAÚDE E LUTA SINDICAL**

PG.8 **COMUNIDADES TRADICIONAIS DO CERRADO SÃO ATACADAS; A POLÍCIA É OMISSA**

PG.13 **SE ELES NÃO NOS DEIXAM SONHAR, PRECISAMOS NÃO OS DEIXAR DORMIR: REVOGAR O NOVO ENSINO MÉDIO (NEM), AVANÇAR PARA A EDUCAÇÃO POPULAR**

PG.15 **O PARAÍSO É PARA POUCOS: MODERNIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO DO LITORAL BAIANO**

PG.18 **CHACINA DA GAMBOA: 1 ANO SEM JUSTIÇA!**

PG.22 **MEMÓRIA ELISA BRANCO BATISTA**



## PCB: 101 anos da Fênix vermelha



*Fundadores do PCB em 1922*

*Por Milton Pinheiro*

O sentido político da atual quadra histórica é marcado pela ideologia do anticomunismo. Agências políticas da extrema direita (partidos do balcão de negócios), canais organizados para divulgar fake News, mídia corporativa, igrejas neopentecostais do comércio da fé, ONGs e agrupamentos golpistas, etc., são instrumentos de ação cotidiana para criminalizar e mentir sobre as ideias e práticas daqueles que lutam em defesa da classe trabalhadora e da emancipação humana.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) completa 101 anos de uma presença indelével na história política do Brasil. Desta longa existência, 56 anos foram na mais violenta clandestinidade e grande parte do período de legalidade ocorre após 1985, quando do fim da ditadura burgo-militar de 1964.

O PCB surgiu para representar um projeto de classe e lutar pelo programa da revolução brasileira. A inspiração primeira, foi a vitória da revolução russa de 1917 que representou o poder dos trabalhadores organizados em defesa das transformações estruturais e da humanidade.

Os comunistas foram os revolucionários que deram sentido às greves do começo do século XX, que marcharam pelas ruas com manifestações em defesa dos direitos mais emblemáticos da classe trabalhadora, procurando se organizar para construir um operador político que daria sentido ao processo emancipatório.

O partido, no desenrolar do século XX, esteve presente nas lutas mais profundas desse breve século. Participou da organização dos instrumentos que agiram na luta de classes. Mesmo com o "estado de sítio", que afrontava a democracia na década de 1920, foi criada uma combativa Imprensa Popular. Na década de 1930 esteve presente nas lutas proletárias e populares, mas também teve uma presença relevante nos quartéis das forças armadas.

Com essa forte presença entre os militares, realizou o mais importante movimento de "assalto aos céus" da história brasileira: o levante antifascista e revolucionário de novembro de 1935, uma experiência de Poder Popular que durou quatro dias em Natal (RN); ocorrendo também em Recife e no Rio de Janeiro.

Essa experiência revolucionária foi derrotada por tropas do Estado burguês, em aliança com coronéis locais e seus jagunços. Porém, mesmo com os erros desse processo, essa experiência foi uma brava resistência política contra o Estado

burguês que apontou uma perspectiva de esperança social e autonomia política da classe operária.

Após a brutal repressão que se seguiu ao levante, em virtude da perseguição do "Estado Novo", o PCB organizou lutas de resistência contra o fascismo no Brasil e quando os ventos da derrota nazifascista, na segunda grande guerra percorreram o horizonte dos povos, o partido conseguiu encontrar a luz no fim do túnel.

O PCB se tornou, com a legalidade, um partido de massas. Elegeu Luiz Carlos Prestes o senador mais bem votado do Brasil, assim como uma vigorosa bancada com 14 deputados federais. Nas eleições seguintes, para as Assembleias Legislativas dos estados em 1947, elegeu 46 deputados e mais dois deputados federais. Todavia, a ação do reacionarismo se impôs novamente e o partido foi colocado na ilegalidade. O registro do partido foi cassado e depois os mandatos dos parlamentares federais e estaduais.

O partido voltou para à clandestinidade, todavia, agora, como um forte operador político da classe trabalhadora. Esteve na greve dos 300 mil em São Paulo, na Campanha do Petróleo é Nosso, marcou a luta pela reforma agrária de forma revolucionária através dos levantes camponeses de Porecatu, Trombas e Formoso. Organizou manifestações contra a presença de tropas brasileiras na guerra imperialista da Coreia, esteve onde a luta se fez necessária por todo o Brasil.

Com o Manifesto de agosto de 1950, constituiu novas formas de luta em profunda conexão com a revolução brasileira. Sindicatos livres, organizações populares e proletárias sem o controle do Estado, organização das lutas das mulheres e uma denúncia combativa e militante contra o racismo. Um partido com sentido de defesa de classe e perspectiva de lutas por rupturas revolucionárias.

O PCB teve a maior presença intelectual de todos os tempos; uma marca seminal na cultura brasileira. Afinal, na história do século XX, lutaram dentro do partido as figuras mais importantes das letras, ciências, artes, música, mundo artístico, teatro e do cinema.

O partido foi a origem da esquerda brasileira, contudo, no tempo presente, ainda não se transformou em um grande operador político desse campo ideológico. Porém, germinou no processo histórico brasileiro as lutas mais férteis dos trabalhadores e iluminou, com passos seguros, nas trevas ou à luz do dia, trilhas por onde as lutas que procuram o sentido da revolução brasileira.



Ao completar 101 anos o PCB é uma Fênix da história, com erros e acertos. Esteve ao lado dos revolucionários que construíram as revoluções anticapitalistas pelo mundo, a exemplo da União Soviética, China, Coréia, Cuba, Vietnã e das democracias populares do leste europeu e da África. Combateu ao lado da luta anticolonial e das ações revolucionárias pelo mundo. Sempre foi um partido internacionalista que operou em defesa da revolução mundial.

Nessa longa história de lutas, é importante reverenciar os fundadores, mas também os homens e as mulheres que lutaram para que o PCB pudesse estar aqui hoje. Figuras como Minervino de Oliveira, Octávio Brandão, Elisa Branco, Giocondo Dias, Carlos Marighella, Lyndolpho Silva, Maria Aragão, Mário Alves, José Maria Crispim, Yeda Maria Ferreira, Osvaldo Pacheco, Câmara Ferreira, Antonieta Campos da Paz, Horácio Macedo, Ana Montenegro, Dinarco Reis, Paulo Cavalcanti, Iraci Picanço, Gregório Bezerra, Maria Brandão, Zuleika D'Alembert, Adalgisa Cavalcanti e o lendário Luiz Carlos Prestes.

Em um momento de grande simbologia como o presente, é preciso rememorar aqueles militantes históricos que tiveram seu sangue derramado quando lutaram em defesa da classe trabalhadora, das liberdades democráticas e contra a opressão burguesa. Jamais serão esquecidos os 43 mártires assassinados pela ditadura burgo-militar de 1964: Ivan Rocha Aguiar (estudante), Antogildo Pascoal Viana (operário), Carlos Schirmer (operário), Pedro Domiense de Oliveira (carteiro), Manuel Alves de Oliveira (militar), Newton Eduardo de Oliveira (operário), João Alfredo (camponês), Pedro Inácio de Araújo (camponês), Israel Tavares Roque (operário), Divo Fernandes D'oliveira (marítimo), Severino Elias de Melo (militar), Inocêncio Pereira Alves (Alfaiate), Lucindo Costa (funcionário público), João Roberto Borges de Souza (estudante), José Dalmo Guimarães Lins (jornalista), Francisco da Chagas Pereira (militar), Epaminondas Gomes de Oliveira (sapateiro), Ismael Silva de Jesus (estudante), Célio Augusto Guedes (dentista), José Mendes de Sá Roriz (militar), Davi Capistrano da Costa (militar), José Roman (operário), João Massena Melo (operário), Luiz Ignácio Maranhão Filho (jornalista), Valter de Souza Ribeiro (militar), Afonso Henrique Martins Saldanha (professor), Elson Costa (caminhoneiro), Hiran de Lima Pereira (administrador), Jayme Amorim de Miranda (jornalista), Nestor Veras (camponês), Itair Veloso (operário), Alberto Aleixo (operário), José Ferreira de Almeida (militar), José Maximino de Andrade Neto (militar), Pedro Jerônimo de Souza (comerciante), José Montenegro de Lima (estudante), Orlando Bonfim (jornalista), Vladimir Herzog (jornalista), Neide Alves Santos (propagandista), Manoel Fiel

Filho (operário), Feliciano Eugênio Neto (operário), Lourenço Camelo Mesquita (taxista) e José Pinheiro Jobim (diplomata).

Mesmo com os equívocos do pré-1964, a luta desenvolvida pelo PCB na construção dos movimentos populares e proletários, e na articulação da Frente Democrática, foram fundamentais para derrotar a ditadura e plantar um novo tempo de liberdades democráticas com o fim do regime militar.

Os anos 1980 foram tempos de confusão política e ideológica, se configuram como o pior momento da história do PCB, quando o taticismo politicista tentou matar o operador estratégico. No entanto, a Fênix Vermelha soube operar sua depuração e organizar a Reconstrução Revolucionária a partir de 1992.

O PCB voltou à centralidade das lutas proletárias e populares, colocou na ordem do dia a estratégia socialista como formulação central para orientar a ação tática. Construiu instrumentos de combate à sociabilidade da ordem capitalista, a exemplo do Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro (CFCAM), Coletivo Negro Minervino de Oliveira (CNMO) e o LGBTQ Comunista. Avançou na organização de frentes de massas, a exemplo da União da Juventude Comunista (UJC) e a Unidade Classista (UC).

Nesses 101 anos de luta o PCB soube fazer a autocrítica necessária e reorganizar bandeiras e ações para operar nas batalhas hodiernas das lutas de classes. O partido assumiu seu compromisso histórico com as bandeiras anticapitalista antiimperialista, contra a exploração capitalista e as opressões da sociedade burguesa, sempre na perspectiva da revolução brasileira e da confirmação do projeto socialista.

Hoje, os comunistas brasileiros, estão completando 101 anos de lutas que marcaram a história do Brasil e do mundo. Afinal, muitos dos militantes comunistas lutaram na guerra civil espanhola, na resistência francesa e nas batalhas da segunda guerra mundial na Europa.

Durante essa longa jornada, o sangue dos militantes se confundiu com o vermelho da bandeira comunista e adubou o solo fértil das batalhas que a classe trabalhadora desenvolveu no Brasil e no mundo.

Com essa história e com a confirmação dessas bandeiras, o PCB ainda não é o maior partido da esquerda brasileira, mas não ocorrerá lutas da classe trabalhadora sem a sua presença convicta. Afinal, o operador político da longa história brasileira, desde o começo do século XX, encontra sentido para sua práxis revolucionária na consigna Fomos, Somos e Seremos Comunistas.

Viva os 101 anos do PCB!



Jornalista responsável  
**Milton Pinheiro MTB 72.595/SP**

Conselho de Redação  
**Camila Oliver, Milton Pinheiro, Rômulo Caires e João Abreu**

Editora  
**Camila Oliver**

Diagramação e Capa  
**João Abreu**



o m o m e n t o b a

Colaboradores desta edição

**João Aguiar, Ellen Lis M. Melo, Hélio Messeder, Cheyenne Ayalla Brasil, Ágatha Luz, Camila Fernandes de Oliveira Costa, Matheus Almeida, Wenderson Silva e Gabriel Galego**

Revisor responsável

**Rômulo Caires**

Colaboradores de revisão

**Gideão Gabriel Oliveira Feliciano e Matheus Almeida Lopes**

Colaboradores de redes digitais  
**Matheus Moreira, Rafael Requião**

contato@omomento.org | [www.omomento.org](http://www.omomento.org)

# TRABALHO EM SAÚDE E LUTA SINDICAL



Imagem: Sindsaúde Bahia

*Sou camelô, sou do mercado informal  
Com minha guia sou profissional  
(Edson Gomes)*

*Por Rômulo Caires*

Hoje em dia tornou-se lugar comum no campo progressista afirmar que a luta sindical está ultrapassada. Seja porque a classe trabalhadora brasileira e baiana se ocuparia majoritariamente de trabalhos informais, sem representação sindical, seja porque as transformações ocorridas nas últimas décadas supostamente modificou tão intensamente o mundo do trabalho e as relações sociais, que a instituição sindical perdeu a sua razão de ser.

Uma rápida olhada nos noticiários deveria no mínimo questionar tais formulações: trabalhadores de aplicativos se organizando em greves, trabalhadoras da enfermagem paralisando suas atividades em prol da efetivação do piso salarial, metroviários cruzando os braços por seus direitos, os exemplos poderiam se estender muito mais. Neste escrito defendemos a atualidade da luta sindical, questionando o senso comum estabelecido sobre o tema. Partiremos da análise do trabalho em saúde e indicaremos o potencial organizativo do setor como uma das vias de reoxigenar a luta sindical em nossos tempos.

Ao adentrarmos na história da formação da classe trabalhadora no Brasil um dos aspectos que salta aos olhos é que desde o período

colonial boa parte do “trabalho livre” era feito por pessoas sem qualquer vínculo empregatício formal. Aqueles que vivem de “bicos” ou de comércio no mercado informal não surgiram apenas no século XXI, mas tal situação atravessou a formação social brasileira ao longo de sua história. Se observarmos a história do Brasil no século XX notaremos que as múltiplas lutas sindicais que foram construídas não dependeram necessariamente do vínculo de emprego formal e isso não impediu que a classe trabalhadora organizada efetivasse vitórias no campo sindical.

A luta sindical não delimita um espaço homogêneo, mas constitui formas variadas que a classe trabalhadora encontrou para se defender das imposições cegas do capital. Por si só o movimento sindical não tem aspecto revolucionário e muitas vezes apenas reproduz um tipo de consciência que poderíamos chamar de “economicista”, ou seja, que não é capaz de enxergar para além das condições econômicas mais imediatas. E por que ainda sim a luta sindical é importante para nós comunistas?

A partir da análise do trabalho em saúde podemos iniciar uma resposta para tal questão. Como um primeiro aspecto é importante observarmos que a luta sindical é uma das vias de po-





litização da economia. Sendo a economia a produção material da vida social, e sendo o modo de produção capitalista fundamentado em uma economia refratária aos desígnios humanos, ou seja, estruturada apenas para reproduzir o lucro, sua continuação ocorre independente do sofrimento e da destruição das forças vitais da classe trabalhadora.

Assim, o capital se reproduz naturalizando a ordem social, transformando condições históricas em condições eternas. A politização da economia significa a possibilidade de questionar essas formas de naturalização e perenização do capital. A partir da organização da classe trabalhadora em instrumentos próprios de luta e independentes do capital é possível transformar a realidade dada, encontrar as tendências inscritas no tecido social que apontem para um modo de vida alternativo.

Percebam que com essas definições não apontamos para este ou aquele sindicato em particular, que sim podem estar tomados por pelegos e burocratas, mas indicamos uma forma imediata de defesa presente na própria sociedade capitalista, que tem potencial de criar rachaduras nos consensos e avançar para formas mais complexas de organização como um partido revolucionário. Nesse sentido, chamamos de luta sindical aquela que organiza trabalhadores de um determinado setor com o intuito inicial de se defender da exploração capitalista, mas que pode avançar na produção de germens de uma consciência revolucionária.

Em texto anterior abordamos a importância do complexo da saúde nas formas contemporâneas de acumulação de capital e a necessidade de organizar este setor para uma autêntica ofensiva da classe trabalhadora como um todo. Não retomaremos os detalhes da argumentação feita ali. Gostaríamos apenas de ressaltar que a organização sindical do trabalho em saúde pode ser um momento fundamental dessa ofensiva. A maioria dos sindicatos em saúde são sindicatos de categorias como médicos, psicólogos, enfermeiras etc. Há também alguns sindicatos mais gerais como “sindicatos de trabalhadores da saúde”, que integram múltiplas categorias.

Os sindicatos de categorias padecem do risco sempre presente de corporativismo. A categoria médica é uma das mais afetadas por esse tipo de perspectiva. Porém, ainda sim é importante ressaltar que nas últimas décadas há uma tendência crescente de aumento da sin-

dicalização entre os médicos e iniciativas classistas podem tensionar o corporativismo em direção a propostas de integração sindical com outras áreas da saúde.

O trabalho deve ser focado principalmente entre trabalhadores do sistema privado, cada vez mais precarizados a partir de terceirizações e privatizações operadas por Organizações Sociais de Saúde. A partir da crítica das formas atuais de exploração é possível abrir vias para questionamentos mais amplos, que possam inclusive compreender as relações entre SUS e capitalismo no Brasil ou a centralidade negativa da categoria médica em relação às outras áreas.

Apesar de ainda ser uma categoria muito ligada ao “trabalho liberal”, a psicologia também possui potencial sindical e iniciativas do tipo tem crescido no país. Os psicólogos também caem nos equívocos corporativistas, mas os seus campos de atuação abrem a perspectiva de questionar a relação entre sofrimento psíquico e sociedade capitalista, além de possibilitar ações conjuntas com as outras categorias da saúde.

O maior potencial ao nosso ver está na categoria da enfermagem. Além de possuírem salários inferiores à outras categorias, de viverem jornadas extenuantes de trabalho, de reproduzirem os mecanismos de dominação de gênero (a inferiorização da mulher na sociedade patriarcal conduz a naturalizações de posições como o lugar do cuidado), a categoria da enfermagem tem sido cada vez mais atuante na conjuntura atual. O enorme contingente de trabalhadoras da enfermagem, sua importância no sistema privado de saúde, a superexploração de sua força de trabalho etc., são motivos que impulsionam as enfermeiras à luta, como observamos nas jornadas a favor da efetivação do piso salarial nacional.

Pela importância do complexo da saúde na sociedade, pelo grande contingente de trabalhadores, pelos regimes de trabalho cada vez mais precários, enfim pelo potencial organizativo do setor saúde como um todo, devemos nos inserir cada vez mais nessas lutas, aumentar nossa incidência nos sindicatos, agitar propostas classistas, propagandear formulações que possibilitem a politização das lutas econômicas no sentido de fazer da classe trabalhadora da saúde um momento importante da construção da vanguarda revolucionária.

# BAHIA LIDERA ÍNDICES DE VIOLÊNCIA URBANA



Foto: Manu Dias/AGECOM

Por João Aguiar

No campo da segurança pública o Estado da Bahia ocupa grande destaque negativo nos indicadores de violência. O jornal O Momento - Diário do Povo, tem sistematicamente divulgado notícias e análises sobre a crescente violência no estado. Como resultado da lógica de segurança pública baseada na ampliação do aparato de repressão policial às comunidades de todo estado, do campo e das cidades, supostamente justificada para a assim chamada “guerra às drogas” - sendo de fato uma guerra aos pobres, indígenas e povo negro.

A partir dos dados colhidos pelo Monitor da Violência do G1, foram contabilizadas

na Bahia 5.124 mortes violentas no Estado, durante o ano de 2022<sup>1</sup> considerando homicídios dolosos, feminicídios, latrocínio e lesão corporal seguida de morte. A Bahia é o estado líder em mortes violentas no país, em números absolutos, superando Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, com dimensões populacionais muito superiores à Bahia. Segundo parte do levantamento da Rede Observatórios, em relação à violência contra mulher, registra que a Bahia é “o estado com maior taxa de crescimento em relação ao último boletim, com uma variação de 58%, com ao menos um caso por dia. Além de ser o primeiro em feminicídios do Nordeste com 91 registros”.<sup>2</sup>





Mesmo com indicadores elevadíssimos, predomina na cúpula do governo do Estado o negacionismo na segurança pública. O último Secretário de Segurança Pública, Ricardo Mandarino, alegou em novembro de 2022, que a Bahia dispunha de “padrão nova-iorquino” e que também teria diminuído continuamente nos últimos 13 meses o número de homicídios - em matéria da Rádio Sociedade<sup>3</sup>, uma escancarada mentira. Seu sucessor e atual Secretário de Segurança Pública, Marcelo Werner, foi apresentado no site oficial da SSP-BA como quadro institucional qualificado por sua “experiência na repressão ao tráfico de drogas e ao crime organizado” e complementa a matéria “o novo gestor da pasta vai priorizar o combate às organizações criminosas”, que na prática representa uma esperada continuidade dos alicerces do governo de Jerônimo Rodrigues (PT) para a segurança pública, tal como seu antecessor Rui Costa (PT).

Após o resultado do Monitor da Violência do G1, a SSP-B, dessa vez através de um novo chefe, mas sem alterar seus procedimentos de negação da realidade, divulgou através do seu site que a Bahia teve queda de 4,5% no segundo semestre de 2022. A informação inclusive serve de base para o Programa de Desempenho Policial, que remunera as corporações mediante a produção de suas ações: “gratificações faroeste”. Há um claro contraste entre os dados apresentados, bem como as alegações da SSP e seus responsáveis, com a realidade submetida ao povo trabalhador da Bahia.

O Programa Pacto pela Vida, instituído na gestão de Jacques Wagner (PT), em junho completará 12 anos de sua implementação. O programa, aprofundou o direcionamento da concentração de recursos e da qualificação da atividade policial nas práticas ostensivas, tipificadas como “repressão qualificada ao tráfico de drogas” - especialidade do atual secretário. A realidade é que o principal promotor da violência é o próprio Estado, direcionando as ações das polícias (principalmente a PM-BA) para operações com altos índices de letalidade e uma presença truculenta, legitimadas e incentivadas pelos comandantes da corporação, por parte de seus agentes - dentro e fora do horário de serviço.

Por exemplo, somente no mês de fe-

vereiro de 2023 Salvador e Região Metropolitana registraram 118 tiroteios, com 79 mortes. Entre motivos dos tiroteios “37 ocorreram em ações e operações policiais e 31 foram em meio a disputas entre facções. Seis pessoas foram vítimas de balas perdidas. Destas, uma foi morta e cinco ficaram feridas”<sup>4</sup>. Só com os dados mais recentes, podemos colocar que oficialmente, a polícia foi responsável no período analisado por 1/3 das trocas de tiros, superando inclusive a guerra entre facções, elencados pela política oficial do governo como principal questão a ser “combatida” pelo Estado. Em nome da redução da violência, contraditoriamente, as polícias somente fizeram ampliar sua participação na produção de mortes e ações violentas, promovendo a ineficácia do PPV na proteção à vida.

O terrorismo de Estado instituído no desenvolvimento do PPV como programa norteador da segurança pública é conduzido à céu aberto pelo cinismo de seus comandantes e quadros da cúpula de governo. A ampliação, ano após ano, das mortes violentas é a confirmação da prática e a segue derrubando a cortina de mentiras. Combatendo com a verdade, não é possível falar de proteção à vida desconectada à superação estrutural da organização da segurança pública, cujos eixos imediatos são: 1. A desmilitarização das estruturas, instituições e da atividade cotidiana da PM; 2. A depuração do quadro de servidores agentes com envolvimento em práticas violentas; 3. O controle civil com poder de deliberação, em todas as esferas, da segurança pública.

<sup>1</sup><https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/01/monitor-da-violencia-bahia-lidera-ranking-de-mortes-violentas-no-brasil-pelo-4o-ano-consecutivo.ghtml>

<sup>2</sup><http://observatorioseguranca.com.br/violencia-mulher-feminicidio/>

<sup>3</sup><https://sociedadeonline.com/mandarino-rebate-criticas-a-seguranca-publica-na-bahia/>

<sup>4</sup><https://fogocruzado.org.br/dados/relatorios/grande-salvador-fevereiro-2023>

<sup>5</sup><https://www.ssp.ba.gov.br/2023/03/13403/Bahia-tem-queda-de-45-nas-mortes-violentas-no-segundo-semestre.html>

# COMUNIDADES TRADICIONAIS DO CERRADO SÃO ATACADAS; A POLÍCIA É OMISSA



Foto: Paulo Oliveira - CPT Bahia

Por Ellen Lis M. Melo

Não é novidade que, no interior baiano, as comunidades tradicionais são violentadas por assassinos de aluguel contratados por latifundiários.

Há por parte dos grandes empresários o interesse nos 20% de terras latifundiárias que por lei estão destinadas enquanto reserva legal, como é previsto pelo código florestal. Por meio desses interesses, as comunidades são forçadas a se retirar não tendo, muitas vezes, sequer local onde morar.

A intensificação dos atos violentos que ocorreram durante as eleições são marcados por influências políticas. Mas o fator de maior peso é a omissão da polícia que, com vários meses de operação contra as comunidades, ainda não realizou a prisão de nenhum responsável pelos atos criminosos. Graças a impunidade, o terror assola o oeste da Bahia.

Um morador da região denuncia em suas redes sociais: “Está acontecendo uma tragédia. Estão desmatando a Cabeceira da Onça, local de maior suporte de água do nosso território. Essa área foi desmata-

da no passado e perdeu muita vazão. Com a nova supressão de vegetação, ela vai secar. Também tem a Cabeceira de Morrinhos, que está na mira do agronegócio. O licenciamento liberado (pelo governo estadual) é de 2.226,9 hectares. Essas nascentes vão desaparecer. Isso aqui é um grito de socorro. Já fizemos inúmeras denúncias para os órgãos competentes, e elas não surtiram efeito”. Foi relatado que também houveram outras áreas na região em desmatamento: “Os pistoleiros continuam lá, armados. Nós não estamos podendo ir aos fechos de pasto. Estamos sabendo por informações de outras pessoas que as máquinas estão trabalhando dia e noite, sem parar, destruindo tudo. Não vai sobrar nada do nosso território.”

Para mais informações sobre o caso, acesse: <https://cptba.org.br/>



## ENTREVISTA DO MOMENTO FRAN REBELATTO



Foto: Reprodução - Instagram

Por Milton Pinheiro

**Fran Rebelatto** – Cineasta, fotógrafa e professora de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Atua também como docente na pós-graduação em Estudos Latino-Americanos na Unila. Jornalista e Mestre em Ciências Sociais pela UFSM e doutora em Cinema e Audiovisual pela UFF. É diretora do ANDES-SN (gestão 2021-2013), integra a Coordenação Nacional da Corrente Sindical Unidade Classista e o Comitê Central do PCB. Candidata à Secretária-geral pela Chapa 1 Andes pela base: Ousadia para Sonhar, Coragem para Lutar nas eleições do ANDES-SN.

**O Momento - Você é uma pesquisadora de cinema e fotografia, como examina o cinema brasileiro no momento?**

**Fran Rebelatto** - O cinema brasileiro, assim como todos os campos das artes, se viu diante um cenário de muita apreensão nos últimos anos com o desmonte deliberado das políticas de incentivo à produção artística. Isso se deu depois de um processo relevante de democratização da produção e de sua descentralização para além dos grandes centros urbanos tradicionalmente produtores de imagens do país. Com a reestruturação da Ancine e de políticas públicas de incentivo à produção nacional a partir dos anos 2000 foi possível ver novas histórias emergindo desde o Brasil profundo. Com isso, a produção deslocou-se para o Nordeste, para o interior de Minas Gerais, para Brasília (para citar alguns exemplos) fazen-

do com que novas contradições da realidade brasileira fossem reveladas pelo cinema nacional como é o caso dos filmes da produtora Filmes de Plástico de Cataguazes em Minas Gerais, o cinema de Kleber Mendonça revelando o avanço da especulação imobiliária em Recife, o cinema de Adirley Queiroz na periferia de Brasília, inclusive, com o recente filme 'Mato em Chamas', ou o primeiro longa-metragem produzido no Acre, 'Noites alienígenas' que trata das facções nas periferias do Norte. Mais recentemente temos acompanhado também a reivindicação e a expressão do cinema negro brasileiro que tem ocupado as telas e também lutado por uma maior presença na frente e atrás das câmeras. Tem muita produção sendo feita no Brasil, em especial, a partir da chegada das plataformas de streaming e da produção de séries, no entanto, se por um lado

isso movimentando o mercado criando novos postos de trabalho, também traz todas as contradições da precarização que segue à risca o modo de produção capitalista, o que fez com que recentemente se organizasse a campanha de luta pela #jornadajusta, se normalizou na produção cinematográfica e do audiovisual jornada que ultrapassam, muitas vezes, mais de 12h diárias. É necessário estar atentos (as) e organizados (as), e reconhecer que a produção cinematográfica e audiovisual brasileira têm nos ajudado a entender melhor o Brasil! E esse deve ser o seu papel.

**O Momento - Foi lançado recentemente um filme de sua autoria, discutindo a vida das mulheres na tríplice fronteira. Quais foram as abordagens que apresenta nesse filme?**

**Fran Rebelatto** - O filme *Pasajeras* (2021) trata da vida das mulheres trabalhadoras que cotidianamente cruzam a fronteira entre o Paraguai e o Brasil, nas cidades de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu. São mulheres conhecidas como 'paseras', ou seja, que trabalham centralmente com o 'leva e traz' de mercadorias de um país a outro. Há muitos anos pesquiso a relação entre os territórios de fronteiras e as imagens produzidas sobre esses territórios pela imprensa, na fotografia e no cinema. E nessas andanças por diferentes territórios entre Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Colômbia, dentre outros, sempre me chamou atenção o papel das mulheres trabalhadoras que estão localizadas nos trabalhos mais precarizados. Quando cheguei a Foz do Iguaçu para dar aula na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) de imediato percebi que também nesta fronteira são as mulheres a carregar nas costas, nas caixas, nas bolsas a maior parte da mercadoria dos 'descaminhos'. No entanto, em Foz do Iguaçu temos algumas outras contradições que se colocam, considerando que se trata de um dos principais destinos turístico do mundo. Por ali, as mulheres, com destaque para as de nacionalidade paraguaia, não só cruzam para transportar mercadorias, mas também tem aquelas que cruzam com sua arte (danças e músicas tradicionais paraguaias) para

compor o cenário das expressões 'artísticas' vendidas aos turistas de passagem. O filme coloca lado a lado estas duas realidades: da mulher trabalhadora informal que carrega mercadoria, com a mulher artista que carrega sua arte e história do outro lado da fronteira. E mesmo massacradas pelo peso de suas histórias de violência e de exploração, essas mulheres sonham, encontram-se nas histórias de suas avós, mães, filhas e seguem na luta e na labuta. O filme está disponível na Plataforma Itaú Play Cultural podendo ser acessado de forma gratuita e também está à disposição para ser exibido junto ao bom debate por todo Brasil.

**O Momento - Para além de cineasta, você é professora da Unila e militante do movimento docente. Quais são as questões centrais para se pensar a universidade no processo societário atual?**

**Fran Rebelatto** - Primeiro, é importante dizer que minha história de acesso à universidade pública é uma daquelas que corresponde à primeira pessoa da família a entrar num curso superior ou até mesmo a uma das poucas jovens de toda uma geração de uma pequena cidade do "interior" que teve possibilidade a esse acesso. Filha de trabalhadores pobres do campo no Rio Grande do Sul, a universidade era muito distante, com isso, algo que estava associado a um processo de emancipação. De fato, um 'mundo' se abriu quando passei na UFSM no curso de Jornalismo. No entanto, logo foi possível entender os limites dessa universidade pública que carrega em si muitas contradições da própria sociabilidade capitalista. Ou seja, uma universidade, na maioria dos casos, com precárias condições de acesso e permanência para os (as) estudantes, com infraestruturas que não dão conta das demandas de ensino, pesquisa e extensão, com professores (as) reféns do produtivismo ou da produção de conhecimento voltada aos interesses do mercado. Uma universidade ainda muito branca e elitizada, mesmo que esse quadro já tenha se alterado um pouco nos últimos anos, mas ainda de forma insuficiente, em especial no corpo docente. Instituições que reproduzem processos de assédio e relações de trabalho que se alimentam com ló-





gica da competitividade. Temos muito que avançar para construir uma universidade popular que vá além do seu caráter público e gratuito, mas que possa ser uma universidade discutida e construída à luz de um outro projeto societário, a partir de um projeto de emancipação e que, histórias como a minha, não sejam exceções à regra, mas que as (os) filhas e filhos da classe trabalhadora possam ocupar as nossas universidades e que possamos produzir conhecimento coletivo que atenda aos interesses do povo trabalhador e que supere todas as formas de opressão e exploração.

### **O Momento - Enquanto militante docente e dirigente do ANDES-SN, como desenvolver uma participação ativa em defesa dos direitos da categoria?**

**Fran Rebelatto** - Um dos grandes desafios que temos nesta quadra histórica que nos coube atuar como militantes da categoria docente é a necessidade de ampliar a mobilização dos (as) professores (as) para que se sintam parte de um processo coletivo de luta em defesa da universidade pública e referenciada nos interesses de classe, pela valorização da nossa carreira, por melhores condições de trabalho e de vida, com isso, ser contra as tentativas de transformação do espaço da educação presencial humanizadora e crítica em uma educação voltada aos interesses exclusivos do mercado, desumanizada, mediada somente por tecnologias e pela lógica empresarial. Tudo isso associado à luta pela ampliação do acesso à universidade, em especial, para os estudantes negros (as), indígenas, da periferia, filhas e filhos de nossa classe. E isso depende de instrumentos que tenham a capacidade de provocar a consciência crítica dos (as) professores (as) como é o caso do sindicato. Temos o desafio de transformar nossos sindicatos de base, junto ao ANDES-SN, num espaço de luta, debate, acolhimento e lugar de mobilização da nossa categoria. Entendo, no entanto, que esse movimento não pode estar descolado das lutas dos trabalhadores (as) técnicos, dos estudantes, dos (as) trabalhadores (as) terceirizados (as), mais do que isso, tem que estar associado às pautas mais amplas do entorno da universidade, quais

sejam, as lutas por moradia, por emprego, por terra, contra a precarização do mundo do trabalho. Por isso, precisamos de um sindicato capaz de intervir lado a lado com os movimentos de juventude, movimentos sociais e populares na realidade e transformar nossas universidades, institutos e Cefets em espaços de organização das nossas lutas e de formação humanizadora e crítica.

### **O Momento - O ANDES-SN está começando um processo de disputa eleitoral e você está como secretária geral da chapa 1. Quais são os eixos gerais que conformam a proposta dessa alternativa que quer dirigir o sindicato nacional?**

**Fran Rebelatto** - A Chapa 1 reivindica a história de luta do ANDES-SN nos seus erros e acertos e compreende que nosso sindicato é um instrumento fundamental de luta no Brasil que tem se consolidado como um sindicato com independência de classe. Um sindicato autônomo, classista e construído por suas bases que hoje está enraizado em mais de 120 seções sindicais nas universidades federais, estaduais e municipais, Institutos e Cefets em todo território nacional. Articulamos no programa da Chapa 1 as reivindicações pelas condições de trabalho e de vida da nossa categoria docente que está na ativa, mas também as condições de vida dos (as) professores (as) aposentados (as); a defesa da universidade pública, gratuita, laica e referenciada nos anseios fundamentais do nosso povo trabalhador, para isso, defendemos uma ciência e tecnologia popular e com financiamento público, aliás, a questão da recomposição do financiamento público é algo central. Também, reforçamos a luta pelas liberdades democráticas, contra o fascismo e pelo reconhecimento da necessidade de contribuir para o processo de reorganização da classe trabalhadora. Para nós, a classe trabalhadora não é uma abstração, tem raça, gênero, sexualidade, território e cultura e isso nos exige uma atenção especial às lutas contra as opressões que entendemos como estruturais ao modo de produção capitalista brasileiro, por isso, nossa luta anticapitalista é antirracista, antimachista, antilgbtfóbica e anticapacitista, pois enquanto houver exploração e opressão não

é possível qualquer processo de educação emancipadora. Outra questão fundamental da nossa chapa é a compreensão de que não podemos cair no encanto do adesismo às políticas do novo governo – que apresenta muitas contradições –, mesmo tendo representado uma vitória importante na luta contra o fascismo, ao mesmo tempo em que, não podemos deixar de estar alertas à ameaça permanente do avanço do fascismo e das forças conservadoras e de extrema-direita no país o que demanda esforços de construção de unidade em nossas lutas, por isso, também não podemos titubear diante de qualquer projeto político sectário que nos impeça de seguir avançando em nosso processo de reorganização.

**O Momento - Você também é militante e dirigente do PCB, qual é o papel da práxis comunista na sua trajetória?**

**Fran Rebelatto** - Se bem o ideário comunista se consolida em minha vida em período recente, fundamentalmente, depois de já estar organizada no movimento sindical docente e no PCB, os princípios que movem nossa práxis comunista ancorada na camaradagem, na necessidade de mudança radical deste estado de coisas, no sentimento profundo de humanidade e solidariedade de classe e internacionalista sempre estiveram presentes na minha vida. Volto a mencionar um pouco da minha história: sou filha de uma mulher campesina que sempre esteve envolvida na luta sindical, na organização do sindicato rural e das lutas feministas das mulheres no campo, sendo hoje, inclusive, presidenta do Sindicato Rural de Charrua. Meu pai também sempre esteve presente na luta sindical, na luta pela agricultura familiar contra o avanço do agronegócio e no movimento contra as barragens. Me criei em uma comunidade rural onde os princípios de solidariedade comunitária sempre estiveram presentes, estudei até a 5ª série em uma escola rural onde éramos responsáveis pela autogestão do espaço coletivo da escola. Nasci em 1984 e, como sempre me lembra minha mãe, com um ano de idade ela me colocava dentro de uma 'bacia' e me levava para os 'movimentos', me criei nos 'movimentos' que, na década de 80, luta-

ram pela constituinte. Fui pouco atuante no movimento estudantil mais organizado, na universidade acabei me envolvendo muito mais com projetos de extensão em diferentes realidades de Santa Maria, foi então no cinema e na comunicação no RS que me reencontrei com a militância política. Logo ao entrar na universidade como docente, foi o sindicato que me levou ao PCB, ao principal operador político das lutas de nossa classe nestes últimos 101 anos. Me orgulho e sinto-me muito comprometida com a construção do nosso partido, mais do que isso, movida pelos princípios que balizam nossa práxis.

**O Momento - Em um momento de condenação da crise capitalista no Brasil, qual seria a principal bandeira que pode ser levantada para colocar a classe em movimento no atual cenário político brasileiro?**

**Fran Rebelatto** - Precisamos intensificar nossa presença e intervenção no chão dos nossos locais de trabalho, de estudo, na relação próxima com os movimentos populares de luta por moradia, por terra e por pão. Estamos numa encruzilhada histórica que nos exige esforços militantes e uma leitura de conjuntura que nos levem a movimentos táticos no sentido da disputa da classe trabalhadora massacrada pela desesperança diante de um brutal cenário de exploração e opressão e distante dos espaços de organização coletiva, como os sindicatos. É momento de disputar essa classe trabalhadora, de estar nas ruas, de apresentar com nitidez e entusiasmo as nossas bandeiras históricas, com mediação tática, a partir das condições concretas da vida. É momento de reorganização das nossas lutas, de assentar nossos esforços na construção de um novo ciclo de luta, um ciclo que nos afaste do gosto amargo da derrota histórica que sofremos e que nos permita avançar na construção de outro modo de vida, que, na nossa compreensão, só será possível quando superarmos o capitalismo. Até lá temos muito chão e boas lutas para pavimentar. É momento de nos reorganizar e de disputarmos com mais ênfase ainda os corações e mentes.



# SE ELES NÃO NOS DEIXAM SONHAR, PRECISAMOS NÃO OS DEIXAR DORMIR: REVOGAR O NOVO ENSINO MÉDIO (NEM), AVANÇAR PARA A EDUCAÇÃO POPULAR



Foto: Kenny Eliason

Por Hélio Messeder

Os alunos voltaram às aulas em 2023 e viram nos seus horários um conjunto de componentes inusitado, para dizer o mínimo, que iriam cursar no ensino médio deste ano na Bahia. Disciplinas como: “Tira o pé do chão”, “Do sol ao sabor”, “FACES de um mistério”, entre outras. Essas disciplinas eletivas ocuparão uma carga horária considerável no currículo enquanto outras, como química, física, sociologia e filosofia, tiveram a sua carga horária bastante reduzida. A ideia prevista no documento do Governo da Bahia, em alinhamento com o Novo Ensino Médio (NEM) em todo o país, é relativamente simples: esses novos componentes de nomes diferentes terão ementas diversas, as quais permitirão ao estudante entender melhor a realidade de forma interdisciplinar em detrimento dos conhecimentos livrescos e ultrapassados das disciplinas básicas.

Na prática, como você já deve imaginar, principalmente se for professor da escola básica, pois está vivendo isso na pele, a escola pública baiana está um verdadeiro caos. Professores aumentaram exaustivamente a sua carga de trabalho e agora precisam se virar para ministrar disciplinas em que não foram formados. Os estudantes não sabem do que se trata a reforma e vagam por entre as salas de aula querendo saber qual a razão em ir à escola debater sobre iniciação científica ou sobre fazer brigadeiro, visto que nem ciência eles tiveram a oportunidade de aprender.

A escola baiana segue sucateada, e os professores com salários defasados, e o currículo pulverizado e a atual Secretária da Educação, Adélia Pinheiro, dizendo em público que qualquer pessoa pode entrar na escola como “professor voluntário” para compartilhar a sua experiência. O Governo da Bahia segue fazendo chacota com o professorado e os filhos da classe trabalhadora. Não oferece condições de trabalho, não reconhece que a docência precisa de especialização, apresenta uma reforma vulgar e, sempre que pode, culpa os professores e a direção dos problemas deste Novo Ensino Médio, os sujeitos resistentes à mudança. A escola pública baiana sangra enquanto o governo petista segue como se esti-

vesse enfrentando problemas pontuais.

Entre as tantas perversidades dessa nova reforma do ensino médio, já bem denunciadas, gostaria de aproveitar estas poucas linhas para apontar uma que me parece grave: trata-se de uma política educacional que impede a juventude de construir novos horizontes de mundo. Sem as ferramentas das ciências da natureza, das artes e das ciências sociais, a burguesia poda na base a possibilidade dos jovens entenderem o mundo em que vivem para além do imediato. O NEM, na sua estrutura, mina a possibilidade dos jovens conhecerem os fundamentos da realidade, forçando-os a aceitar que o mundo “é assim mesmo” e o que resta é “resignação”, “adaptação”. O NEM contribui para que continuemos pensando que outro mundo, melhor do que esse, é impossível.

Mas, você pode se perguntar: a outra escola, antes da reforma, permitia que sonhássemos com o novo mundo? Eu direi que, sem sombra de dúvida, não. Contudo, o NEM aprofunda a desigualdade escolar e mexe no tempo-espaço necessário para que professores possam atuar na construção de uma consciência crítica com seus estudantes. Essa reforma é perversa porque atropela, mata a iniciativa da escola e oferece, no fim das contas, menos possibilidades para o estudante conhecer o mundo e ser autônomo. Faz inversamente aquilo que promete fazer, piorando as condições do professorado.

O NEM nos impede de sonhar com outro mundo, outra escola. Mas, como nos ensina Galeano: se eles não nos deixam sonhar, nós não os deixaremos dormir. Queremos a revogação do NEM, mas não para voltar ao que era antes. Queremos a revogação para construir uma verdadeira educação que interessa ao povo. Mas isso não acontecerá apenas com abaixo-assinados, com cartas contra o NEM ou com apoio legislativo. Precisamos tomar as ruas com a nossa juventude, de modo organizado. Nunca foi tão urgente que alunos e professores caminhem juntos.

Pela revogação do NEM agora! Pela construção de uma educação popular hoje!

# TRABALHADORES DA SAÚDE, UNI-VOS – PEC DA ENFERMAGEM



Por Cheyenne Ayalla Brasil

No mês de setembro de 2022, Luís Roberto Barroso (ministro do supremo tribunal federal, suspendeu a PL 2564/20, que consiste em estabelecer o piso salarial dos/das enfermeiros(as) em R\$ 4.750,00, 70% aos técnicos(as) – R\$ 3.325,00 – e aos auxiliares de enfermagem 50% - R\$ 2.375,00. O ministro do STF alegava inconstitucionalidade, Além disso, rombo no orçamentos dos estados e municípios brasileiros em caso de aprovação do projeto de lei. Nesse mesmo pacote de leis há também a PL 2295/00 que estabelece as 30h semanais de trabalho para a categoria sem diminuição salarial. Vale lembrar, que durante a campanha de 2022, Sofia Manzano, doutora em economia, colocou como uma de suas bandeiras principais as 30h semanais para toda a classe trabalhadora.

Nesse mês período do ano passado já começaram as mobilizações dessa categoria, ainda que de maneira insipiente e com pouca adesão dos representantes legais a classe da enfermagem, classe trabalhadora, buscavam formas de se organizar para derrubar esse veto. Passados praticamente 5 meses após esse período de mobilização as categorias retornam as ruas no dia 14/02/2023 de maneira muito mais concisa, organizada, com uma adesão massiva das entidades, representantes e seus respectivos sindicatos através de uma paralisação nacional. Ao Comparar ambas paralisações é possível entender o amadurecimento e desenvolvimento político de uma classe diante dos seus problemas econômicos. Dessa forma, como marxistas-leninistas, é importante remontarmos aos escritos e observações de Lênin sobre as reivindicações trabalhistas e salariais, que serão amadurecidas pelo próprio cotidiano da classe. No entanto, é necessário também analisar e entender as circunstâncias políticas necessárias para a emancipação do proletariado.

Precisamos analisar quais escanteios políticos arrastaram durante esses 5 meses, bem como o fortalecimento das entidades legais representativas da categoria (sindicatos). A força dessa organização advém da parcela mais precarizada e proletarizada da categoria: os técnicos de enfermagem. Que para complementar sua renda se submetem de 2 a 3 empregos emendando seus plantões. Além disso, é imprescindível ressaltar que essa população, sobretudo, moram nas periferias do país, então sua jornada de trabalho e seu deslocamento para o local de trabalho, que em média, nas capitais brasileiras, tem uma duração de 2 horas de deslocamento.

Por isso, para entender a mobilização, mesmo que inicialmente pouco politizada, é necessário entender a classe,

raça e gênero da categoria, entendendo que estão imersos nas piores situações da luta de classes e por esse mesmo motivo não tem nada a perder, pois sua vida depende de sua luta. Vale lembrar, Lênin em seus escritos reforça que o proletariado compreende sua questão econômica frente ao patrão, pois está intrínseco a seu cotidiano, por isso é necessário promover espaços de análises conjunturais, elevar o discurso político, ampliar os arredores dentro dos trabalhadores da saúde em geral para que a questão econômica se ligue e se complete a questão política, que se ampliaram durante o período pandêmico, aumentando e aprofundando a precarização do trabalho. Entretanto, para existir uma mobilização consciente e definitiva é indubitável entrelaçá-la com a questão política. Por exemplo, o caso da PEC das enfermeiras é um temática latente porque engloba todos esses fatores que ao serem analisados ou vistos separadamente, o movimento enfraquece e morre em si mesmo.

Estabelecer um diálogo de emancipação, participação e organização da classe trabalhadora frente ao cenário de precarização e sujeição que o capital executa à classe trabalhadora é não só superar essa contradição como também tomar a frente de vários tantos setores que pelejam com essa opressão. O movimento sindical mesmo enfraquecido e cooptado pelo peleguismo surgirá novamente dos anseios do povo, porque sem ele não há movimento e sem movimentação nossa revolução se tardará e a população brasileira continuará sujeita as contradições do capital. Para além do próprio sindicalismo, é papel de Partido de Vanguarda organizar esse movimento frente aos golpes do neoliberalismo e contrarreformas no mundo do trabalho, além disso, cabe ao Partido de vanguarda a responsabilidade de acompanhar as estratégias do setor e organizá-lo nas lutas contra a dinâmica do capital. Conseqüentemente, o movimento da enfermagem poderá ser uma faísca de paralisação nacional diante das cadeias de precarização do mundo do trabalho.

Fontes:

CANAL DE NOTÍCIAS DA C MARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS  
<https://www.camara.leg.br/noticias/942225-piso-da-enfermagem-lidera-participacao-popular-nos-canais-da-camara-dos-deputados-em-2022/>

CANAL DE NOTÍCIAS DA C MARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS  
<https://www.camara.leg.br/noticias/897828-CAMARA-APROVA-PEC-DO-PI-SO-SALARIAL-DA-ENFERMAGEM-EM-2%C2%BA-TURNO>

CANAL DE NOTÍCIAS DA C MARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS  
<https://www.camara.leg.br/noticias/763061-ENTIDADES-REIVINDICAM-30-HORAS-SEMANAIS-DE-TRABALHO-PARA-PROFISSIONAIS-DA-ENFERMAGEM>



# O PARAÍSO É PARA POUCOS: MODERNIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO DO LITORAL BAIANO



Imagem: Otávio Nogueira

Por Ágatha Luz

Figuras como José Roberto Marinho e Armínio Fraga planejam ocupar nada menos que um quinto da ilha de Boipeba com seu ambicioso projeto turístico-imobiliário Fazenda Ponta dos Castelhanos, um complexo de empreendimentos de luxo com o potencial de prejudicar imensa e irreparavelmente ecossistemas únicos à região. Acontece que, para esses bilionários, a enorme destruição ambiental e profunda nocividade às comunidades tradicionais que ali habitam há séculos são um preço minúsculo a pagar em troca da manutenção do seu estilo de vida cerimonial e exclusivo. Apenas um inconveniente sem maior relevância.

O litoral da Bahia não desconhece grandes e danosas intervenções do mercado imobiliário e turístico, a exemplo das transformações históricas e socioambientais que moradores do município de Mata de São João vivenciam paulatinamente desde 1970. Houve uma larga expansão da atividade imobiliária no litoral baiano ao norte Salvador a partir das décadas de 1950 e 1960, que alcançou a região de Mata na década seguinte após a aquisição de grandes propriedades locais pelo empresário paulista Klaus Peter e a chegada da BR-099.

Com a construção da BR-099 (ou “Estrada do Coco”) na década de 1980, uma área antes apenas acessada por balsa agora sai da condição de isolamento e é, aos poucos, tomada por uma atividade turística cada vez mais bem-sucedida. Tal prosperidade eventualmente atrai megaempreendimentos hoteleiros e visitantes internacionais em peso e, logo, a infraestrutura do local se aperfeiçoa numa rapidez inacreditável. A simples e isolada vila de pescadores, que há pouco abrigava ruas de barro, transforma quase que completamente sua fisionomia para os olhos de investidores e turistas abastados. Em contrapartida, os grandes hotéis e estabelecimentos comerciais de elite passam a sediar com proeza um cenário de segregação explícita.

Assim, propicia-se uma dinâmica curiosa, em que muitos descendentes dos trabalhadores que serviram aos grandes latifundiários — que dominavam a produ-

ção rural no território durante os séculos anteriores — veem-se agora encurralados nos arredores da vila graças ao aumento do custo de vida, e passam a vender sua mão de obra aos grupos empresariais que dominam a principal atividade econômica local atual, a turística. Gerações e gerações de trabalhadores se encontram numa posição contínua de desigualdade e servidão.

Além de afastar em abundância antigos moradores das comunidades de pescadores tradicionais do município, as quais se viram praticamente desassistidas durante o todo esse crescimento econômico frenético, a especulação imobiliária também traz consigo uma seqüela imaterial violenta e degradante: o apagamento da identidade local em favor da homogeneização da oferta de produtos e serviços de alto padrão. Enquanto o comércio da arte local se concentra no chamado Centro de Artesanato, por exemplo, marcas internacionais ocupam a Alameda do Sol, principal via de circulação da Praia do Forte.

Ao longo da orla marítima baiana, pedaços inteiros de Mata Atlântica, paraíso natural de valor inestimável, são derrubados para se erguer ali condomínios de luxo, clubes de golfe e afins. Tradições centenárias são forçadamente apagadas do rico imaginário cultural e cotidiano das comunidades locais em favor do estilo de vida requintado e excludente da classe dominante. Os acontecimentos que ilustram história e fisionomia do litoral baiano desde a Linha Verde a Trancoso, Morro de São Paulo e possivelmente em breve Boipeba, nos fazem indagar: a Bahia é, realmente, dos baianos? Quem se beneficia do progresso econômico estabelecido pela atividade hoteleira? Quem desfruta as comodidades e os serviços luxuosos que se ofertam ali? Questões essenciais como essas precisam ser postas em pauta com urgência, agora que mais um paraíso baiano arrisca se reduzir a um reduto de multimilionários.



# PELA REVOGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO



Foto: Brenda - UJC

Por Camila Fernandes de Oliveira Costa

Criada em 2013, durante o Governo Dilma, resgatada em 2016, sob aprovação do Governo Golpista de Michel Temer e em vigor desde o ano passado (2021), a Contrarreforma do Ensino Médio caracteriza-se como um processo pensado, investido e desenvolvido pelos setores privados a fim de instaurar ainda mais firmemente o conservadorismo na educação brasileira. No ano de 2022, passa a ser implementado amplamente nas escolas, nomeado Novo Ensino Médio.

Sendo uma tragédia para a educação do país, o Novo Ensino Médio existe graças ao investimento de capital de empresas privadas, a exemplo do Grupo Volkswagen, Fundação Roberto Marinho, Itaú, dentre muitas outras instituições privadas detentoras de muita riqueza e que vislumbram benefícios próprios causados pela Contrarreforma.

Ou seja, na prática o objetivo atingido pelo Novo Ensino Médio, bem como todas essas empresas almejam, é eliminar e desarticular completamente a possibilidade de construção de um horizonte crítico na classe estudantil e trabalhadora, a fim de formar uma geração de trabalhadores muito mais afastados das lutas sociais e da organização classista, fator que age

como facilitador das condições de exploração.

A defesa dessa iniciativa neoliberal e anti-pedagógica foi apresentada em seu início como uma possível solução sobretudo para a "Crise do Ensino Médio". Coloca-se também como melhor alternativa diante das altas taxas de evasão escolar. Isso parte de uma visão simplista e até mesmo desonesta acerca dos problemas enfrentados pelos estudantes brasileiros e dos motivos que impedem a permanência dos mesmos nos espaços educação da educação básica e técnica.

Baseando-se em uma construção elitista de pensamento, que desconsidera elementos de raça, classe, gênero e ainda os recortes geoespaciais que determinam completamente a possibilidade do alunado conseguir concluir sua formação estudantil ou precisar deixar a escola, a justificativa do Novo Ensino Médio define como causa da evasão escolar o desinteresse dos estudantes pelas disciplinas tradicionais, considerando-as ultrapassadas.

A partir disso, aponta como solução a maior autonomia dos alunos no processo de escolha das disciplinas. Portanto, estes podem, em teoria, delinear a grade curricular que seguirão, de acordo com a "aptidão" que possuem por de-





terminadas áreas. Essa proposta desconsidera completamente a infraestrutura das escolas, que na grande maioria das vezes não contam com laboratórios, bibliotecas, quadras poliesportivas e demais ambientes apropriados para realização das atividades oferecidas, bem como ludibria uma classe de estudantes que recebe uma grade curricular extremamente limitada e incompleta sob uma falsa premissa de maior profissionalização e independência durante sua formação básica.

As problemáticas percebidas já nessa interpretação inicial são inúmeras. É importante pontuar o que o Novo Ensino Médio causa na Base Nacional Comum Curricular: possibilita a supressão de disciplinas, a exemplo do ensino da filosofia e sociologia, bem como diminui a densidade da presença de outras disciplinas, como história e geografia, da grade curricular.

A ausência ou a presença superficial de componentes responsáveis por trabalhar a concepção crítica de análise da realidade brasileira, assim como iniciar o processo de produção científica nas áreas das ciências filosóficas, humanas e sociais, não é nada senão um projeto de desmonte da educação; é a perversidade capitalista atuando vorazmente pela destruição dos veículos de organização do proletariado brasileiro e se posicionando contra qualquer mínima ferramenta de elevação intelectual de seu povo.

Cabe ainda situar o caráter das novas disciplinas implementadas na grade curricular. Chamados de "Itinerários Formativos", definem-se como conjuntos de disciplinas, projetos e oficinas elaboradas a partir da difusão e modificação das disciplinas tradicionais. Esses itinerários são ofertados de acordo com o porte e as possibilidades materiais de cada instituição. Em alguns casos, uma única disciplina é ofertada.

Isso significa dizer que enquanto instituições particulares passam a ter ainda mais opções de qualificação, despondo de toda a estrutura e investimento possíveis e imagináveis, os espaços públicos precarizados passam a possuir um ensino ainda mais limitado, aumentando a disparidade de ensino no país, que já é abissal.

Esse processo é a materialização da elitização ainda mais acentuada dos espaços acadêmicos, distanciando ainda mais a universidade da população e a inserindo mais cedo e em condições ainda mais desumanas na lógica de mercado de trabalho.

É ainda precursor de uma máxima na desvalorização dos profissionais da educação, deslocados de suas áreas de domínio e, em uma

política desrespeitosa para os professores e irresponsáveis para os estudantes, põe a condição do "notório saber" em vigor: quaisquer profissionais da educação se tornam aptos a lecionar os itinerários, ainda que não possuam formação específica que garanta a qualidade e o domínio sobre essas matérias.

Por fim, vale mencionar que os Itinerários Formativos possuem um perfil extremamente tecnicista e conservador. Escolhidos ao início do ensino médio e sem possibilidade de mudança dos secundaristas no decorrer dele, apresentam-se enquanto disciplinas que visam a formação moral da juventude, moldando seus comportamentos, além de um perfil puramente profissionalizante, que desconsidera as dimensões críticas e o exercício de reflexão.

Agem, portanto, a fim de construir uma geração que atenda aos interesses da burguesia, em um exercício de alienação que resulta na formação de uma atual e futura classe trabalhadora que naturaliza a ausência de direitos, bem como as situações abusivas de exploração de sua força de trabalho.

O Novo ensino médio é um ultrage a qualquer vislumbre minimamente progressista para a educação brasileira. É necessário pautar e defender a educação popular, de produção de ciência, avanço nas lutas sociais e de um ambiente que forme sujeitos pensantes e conscientes da posição social que ocupam no país. A ideia de enxergar cidadãos como mero produto de mão de obra barata, como a utilização do sistema educacional como ferramenta para cumprimento dos interesses dos grandes capitalistas precisa ser rechaçada e destruída em todas as suas tentativas.

O horizonte dos movimentos dos estudantes e trabalhadores é a construção de uma educação como parte do projeto de emancipação humana. Pelo fim do Novo Ensino Médio! Pelo fim dos processos seletivos nas universidades! Por uma educação democrática e verdadeiramente popular!

#### Referências:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Brasília: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 24 mar 2023.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Brasília: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 24 mar 2023.

# CHACINA DA GAMBOA: 1 ANO SEM JUSTIÇA!



*Silvana dos Santos, mãe de um dos três jovens assassinados pela PM da Bahia na Gamboa, em Salvador (BA) | Foto: Tailane Muniz/Ponte Jornalismo*

Por Matheus Almeida

“Socorro, vão me matar!”, gritou jovem de 20 anos assassinado pela Polícia Militar da Bahia (PMBA)!

Em primeiro de março de 2023 completou-se no Estado da Bahia um ano da Chacina da Gamboa. Na madrugada do dia primeiro, três jovens são assassinados na comunidade Solar do Unhão, que se localiza na região da Gamboa, em Salvador. Triste dia para a região da Gamboa, que teve as vidas de Alexandre dos Santos, Patrick Souza Sapucaia e Cleverson Guimarães Cruz ceifadas por uma ação da PMBA, a qual alega que os jovens foram mortos em uma troca de tiros.

Em contrapartida ao costumeiro relato de “troca de tiros”, os moradores da Gamboa contestaram a versão e afirmam que a Polícia Militar da Bahia operou um trabalho truculento, baseado na lógica do confronto direto, atirando e jogando bombas de gás

lacrimogêneo, resultando em consequências graves sobre a vida de todos os presentes. A Classe Trabalhadora, Negra e Periférica baiana pede socorro!

A PMBA, na época comandada pelo ex-governador Rui Costa, não relatou quantos policiais participaram da chacina — nem sequer informou se existia algum planejamento que justificasse a dita operação! —, recorreu aos argumentos de praxe, afirmando a necessidade de apurar as circunstâncias dos fatos, que um inquérito seria instaurado e que os armamentos utilizados seriam encaminhados à perícia.

Nenhum dos envolvidos na chacina foi afastado de seu posto de trabalho, quanto mais expulso da corporação. Além disso, para complementar a situação com maiores requintes de crueldade e barbaridade, a PMBA emitiu uma nota de repúdio no ins-





tagram chamando os familiares e vizinhos das vítimas de acusadores irresponsáveis e levianos.

“A polícia militar da Bahia repudia, veementemente, afirmações levianas e irresponsáveis a respeito de convivência com qualquer projetos de natureza criminosa e genocida”, assim afirmou publicamente essa instituição, que deveria respeitar e zelar pelas vidas baianas. Entretanto, qual o raciocínio lógico a ser inferido sobre esses casos recorrentes e desumanizadores se não a conclusão de uma polícia de natureza criminosa e genocida?

Naturalmente, um estudo da rede de Observatório de Segurança informa que a cada 100 mortos pela polícia da Bahia, 98 são pessoas negras. Em 2022, dados graves são relatados: todos os mortos pela PM foram pessoas negras. Problemática que se agravou graças à política de fortalecimento da polícia militar operada pelos governadores do Partido dos Trabalhadores (PT), sempre oferecendo cargos estratégicos da administração do Estado para os militares. Além disso, cotidianamente aplaudindo e fortalecendo o desenvolvimento de uma polícia extremamente repressiva, pautada na lógica da repressão e enfrentamento direto.

Porque as forças policiais no Estado Burguês existem com o propósito de alijar a classe trabalhadora, negra e periférica do nosso país, com a finalidade de conter seus impulsos e capacidades revolucionárias. Baseando-se em estratégias de enfrentamento interno, a sua razão de existir não é proteger a população de inimigos externos ao país, porém a própria população passa a ser vista como potencial inimiga do Estado. Evidentemente, a polícia serve aos interesses do Estado, logo, a classe trabalhadora é vista como sua inimiga.

Na semana em que aconteceu a chacina, a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA) informou que fora instaurado um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar o caso por meio da Corregedoria da PM. Segundo o parecer dado pela ouvidoria geral da SSP, pelo menos um dos jovens foi vítima de execução. Além disso, o inquérito com-

prova abuso do uso da força por parte dos policiais e que as armas que supostamente foram usadas pelas vítimas apresentavam defeitos que impossibilitavam seu uso.

Apesar de tantas provas, nem sequer existe uma ação em escala judicial em andamento. Um ano depois do ocorrido, os policiais envolvidos na chacina seguem em liberdade e trabalhando. Pior, seguem visitando a Gamboa! "Os agentes seguem cometendo as mesmas atrocidades e amedrontando a comunidade", afirma moradora da comunidade. E os moradores da Gamboa continuam sendo vistos como inimigos do Estado.

É preciso que haja justiça! O Estado não pode continuar a ser o ator principal da promoção da violência e insegurança na Bahia. Urge a desmilitarização da polícia, a construção de uma segurança pública pautada no zelo pela vida, com o direito das nossas comunidades estarem envolvidas na sua reformulação!

Justiça para todas as vítimas da violência policial!

<https://ponte.org/chacina-da-gamboa-mae-de-um-dos-jovens-mortos-conta-como-agiu-a-pm-da-bahia-do-governador-rui-costa-pt/>

<https://ponte.org/pms-que-segundo-as-familias-executaram-3-jovens-negros-em-salvador-seguirao-trabalhando-nas-ruas/>

[https://www.instagram.com/p/CanXsRMur-0J/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CanXsRMur-0J/?utm_source=ig_web_copy_link)

<https://revistaafirmativa.com.br/chacina-da-gamboa-1-ano-depois-caso-e-marcado-por-blindagem-dos-policiais-responsaveis-que-seguem-visitando-e-ameacando-a-comunidade/>

<https://noticiapreta.com.br/observatorios-da-seguranca-contabilizou-20-mil-aco-es-policiais/>

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/17/a-cada-100-mortos-pela-policia-da-bahia-98-sao-negros-afirma-relatorio>

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-tem-a-maior-taxa-de-mortes-em-aco-es-policiais-do-pais/>

## EXPOSIÇÃO GUERRA PURA E A ARTE MARGINAL EM SALVADOR



Imagem: Reprodução Instagram

Por Wenderson Silva e Gabriel Galego

Do dia 26 de fevereiro ao dia 11 de março tivemos a exposição “Guerra Pura”, que reuniu pinturas, esculturas, performances, projeção visual e paisagens sonoras produzidas em Salvador por diversos artistas nordestinos.

A expressão “Guerra Pura” é um conceito cunhado pelo autor e ativista Hakim Bey, que faz referência a uma forma de resistência cultural e social. Em seu livro “Taz – Zona Autônoma Temporária”, Bey defende a criação de espaços temporários e autônomos onde indivíduos possam viver e experimentar modos de vidas, que escapem às normas e imposições do “sistema dominante”.

A exposição, apesar de não se limitar ao universo do Hip-hop, é fortemente influenciado pela cultura, especialmente no elemento do rap e do grafiti. Grande parte das pinturas expostas eram grafitis e carregaram a exaltação cultural da cultura negra, periférica e marginalizada.

Notamos isso na produção artística de Vírus Carinhoso, um dos jovens artistas mais talentosos de Salvador, que além das pinturas, esculturas e performance com a feitura ao vivo de uma vestimenta a partir de um grafitti coletivo, também cantou algumas de suas músicas que tratam sobre a marginalização da música e cultura negra.

Entre as esculturas, destacamos a obra “Sem título” (2023) do artista QUARCK, em que com materiais

recicláveis, traz uma representação do mapa-múndi que podemos interpretar como uma crítica ao colonialismo, divisão internacional e racial do trabalho, que leva milhares de etnias e povos a miséria enquanto enriquece nações da metrópole capitalista.

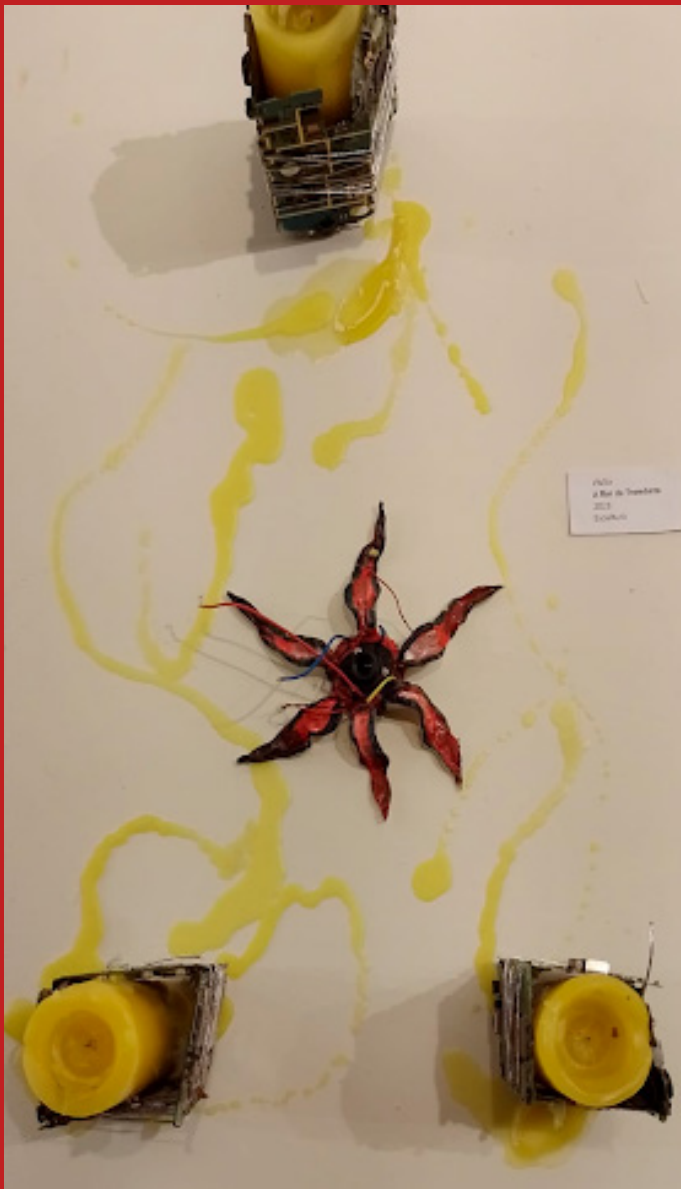


Artista: QUARCK - “Sem título” 2023

Outra escultura que nos chamou atenção foi a obra “A flor de trombeta” (2023), do artista VIVÃO. Remetendo a uma situação ritualística, vemos três velas amarelas de sete dias dispostas numa mesa em formato triangular, com uma flor de trombeta no centro. A flor de trombeta, além de seus usos medicinais, também tem seu uso reconhecido por diversos povos tradicionais da América do Sul em atividades rituais.



# ESPAÇO CULTURAL



Artista: VIVÃO – *A Flor de Trombeta* (2023)

Na obra, a flor é sintética, com fios de energia no centro; já as velas são cobertas por placas-mães de computadores. De forma sutil, o artista retoma ao debate que se desdobra ininterruptamente em nossa cultura desde os modernistas: as relações estabelecidas entre a tradição e a inovação, entre o antigo e o novo, entre o ancestral e o contemporâneo.

Essa exposição inaugurou o espaço de galeria *Rua Urban Gallery*, localizado na Orla do Rio Vermelho. Espaços como esse, que fomentam projetos com artistas independentes das diversas linguagens artísticas da cidade, além de propor levar a cultura da rua soteropolitana para um espaço central da cidade, é de fundamental importância para a produção cultural de Salvador.

## Artistas que participaram da exposição:

- **Filipe Dantas**, residente em São Paulo há 5 anos, é um artista que começou a produzir suas obras com o objetivo de utilizar a arte como ferramen-

ta de expressão por volta do final de 2017. Nas suas obras, sempre optou por reunir diferentes linguagens em suportes variados, resignificando e transformando materiais, subprodutos, resíduos, vestuário e telas de forma atípica.

- **VIVÃO** é um diretor criativo e artístico na marca Vivão Project em Salvador (BA), onde o lema é acreditar que o futuro é o reflexo do hoje e a melhor forma de construir um mundo novo é observando as necessidades do agora, projetando novos caminhos e possibilidades de entendimento individual e coletivo, contribuindo com processos de descoberta e expansão.
- **H4WNEE** é um artista de João Pessoa (PB) que reside em São Paulo há 6 anos. Amante do imaginário distópico e da cibercultura, utiliza sucata eletrônica, mash ups, over processing e barroco sci-fi nas suas obras.
- **Gustavo "QUARK"** é um cineasta e escritor de filmes experimentais com uma estética poética futurista e intenções narrativas atribuídas ao papel da montagem. Impulsionado pelos ideais de um terrorista poético, busca propor uma visão metafísica, ácida e política em suas obras, seja em um ato na rua ou projetado sobre telas.
- **Letricia**, nascida em Salvador, traduz seu caminho de corpo, alma e máquina em timbres agressivos e atmosfera soturna. Em sua pesquisa eletrônica, segue um percurso singular do experimentalismo rítmico, munida de sua Electribe, fitas K7 e processamento de pedais, trazendo composições mandingueiras e ambientes psicoativos aos ouvidos mais sensíveis com transe circular e sonoridade rasteira.
- **TRAZ** é um artista brasileiro nascido em Salvador (BA), cujo trabalho pesquisa as potencialidades das expressões contemporâneas permeadas pelo canto, dança, ritual e performance, expressões que transitam no poder inventivo do artista, trazendo questionamentos de uma contracultura dissidente da sociedade atual, tendo seu corpo como principal objeto e ferramenta.
- **Vírus Carinhoso** é um artista brasileiro nascido em Salvador (BA) que pesquisa as potencialidades das expressões contemporâneas permeadas pelo canto, dança, ritual e performance, trazendo questionamentos de uma contracultura dissidente da sociedade atual, tendo seu corpo como principal objeto e ferramenta.
- **Roy Constróy** é um artista visual de Salvador, cuja carreira iniciou-se como galerista e agora se expandiu para o campo das artes visuais. Em suas obras, é evidente uma forte inclinação para a crítica social.

## MEMÓRIA: ELISA BRANCO BATISTA



Imagem: Arquivos Nacionais da Romênia

Por Matheus Almeida

“Os Soldados, Nossos Filhos, Não Irão Para a Coreia”, assim profetizou a comunista que evitou a morte de milhões de brasileiros em uma guerra imperialista.

Nascida em Barretos em 1912, filha do casal português Carolina e José, Elisa Branco Batista foi uma importante militante comunista Brasileira, logrando reconhecimento internacional. Após o falecimento do seu pai aos seus seis anos de idade, passa a viver com a mãe e cinco irmãos na cidade de origem. Admiradora de Luís Carlos Prestes, se filiou ao PCB e fez parte da Federação das Mulheres de São Paulo e do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz.

Conforme explica ao jornal Inverta, órgão oficial do Partido Comunista Marxista Leninista (PCML): “Como aqui não tinha nada para a mulher trabalhar, fui para São Paulo onde aprendi a costurar com minha prima”. Sendo assim, Elisa passa a residir em São Paulo na busca de melhores condições de vida.

É vasto o currículo de Elisa Branco Batista; Em 1945, ao assumir o Departamento Feminino do Comitê do Partido Comunista Brasileiro (PCB), é iniciada a sua militância política partidária. Além disso, em 1946, esteve à frente de lutas de bairros através do comitê popular democrático da Fortaleza, na condição de Vice-presidência.

Além de ter sido presidenta de honra da Federação das Mulheres de São Paulo e vice-presidenta do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, desafiou o governo Dutra ao abrir uma faixa contra a participação do Brasil na guerra da coreia, em um desfile de 7 de setembro, no Vale do Anhangabaú.

Foi presa e conduzida ao DOPS. Ficou oito dias incommunicável. Foi condenada a quatro anos e três meses de prisão. Entretanto, foi aplaudida, reconhecida pela multidão e evitou que os brasileiros fossem intervir em uma guerra de caráter imperialista. Seu apelo popular era tão grande que após a sua prisão organizou-se um amplo movimento pela sua libertação, campanha da qual participou até a Rádio Central de Moscou.

Nem mesmo a prisão foi capaz de abalá-la; Elisa alfabetizou detentas, ensinou corte e costura e higiene pessoal! Após 1 ano e 8 meses em cárcere, foi liberada. Além do mais, Ganha o prêmio internacional da paz, prêmio Lenin da paz, em 1953, no Palácio do Kremlin, em Moscou, na União Soviética.

Em 1964, durante o Golpe Militar, foi presa novamente, desta vez pelo DOPS e sem acusação. Em 1971, nova prisão. Passou três dias desaparecida, até ser liberada por falta de provas. Contou à revista ISTOÉ “Os bandidos do DOPS reviraram tudo e levaram um monte de fotografias pessoais”.

Elisa Branco Batista faleceu em 8 de junho de 2001, aos 87 anos, em São Paulo. Sua militância é reconhecida em trabalhos acadêmicos e livros, nacionais e internacionais. Conforme afirma Horista, sua filha, Elisa disseminou a ideia do comunismo: “Todos nós fomos contagiados pela luta da minha mãe, mulher de coragem, que enfrentou, sem titubear, as autoridades da época e mostrou sua audácia ao levantar uma faixa contra a guerra.”

Viva a barataense que desafiou o governo Dutra!  
Viva Elisa Branco Batista!!